



BRASIL BOMBARDEADO PELA INFLAÇÃO

No final de fevereiro, a sociedade global indignada assistia com profunda preocupação aos eventos que deflagraram a guerra entre a Rússia e a Ucrânia, cuja invasão, ainda no início, contabilizava mais de cem mortos e muitos feridos. A intensidade dos ataques contra o território e a população ucraniana trouxe à memória as cenas de outros tristes e angustiantes conflitos passados ainda no século XX, e prestou fundamentar, mais uma vez, que a história em geral instrui apenas àqueles que realmente a compreendem.

É importante salientar que a tensão entre a Rússia e a Ucrânia remonta a tempos de outrora e sua interpretação ordena regresso cronológico à segunda metade do século passado, momento caracterizado pelo enfraquecimento político, econômico e social da União Soviética e movido pela corrupção entre suas lideranças, diminuição dos investimentos em tecnologias, queda na arrecadação e na distribuição dos recursos, dentre outros.

Por sua vez, o Ocidente prosperava continuamente, alicerçado pela relevante escalada tecnológica e industrial, distinção que, durante a Guerra Fria, viria garantir maior vantagem dos países capitalistas frente às repúblicas socialistas (Ucrânia, por exemplo).

O atraso tecnológico e a carência de recursos reinantes incentivaram o desejo pela separação e a busca por mais liberdade econômica e política e envolvia uma série de revoltas contra os líderes soviéticos, culminando com a queda do Muro de Berlim em 1989 e o fim da União Soviética, dois anos após, muito embora, vale ressaltar que os interesses estratégicos e geopolíticos continuavam latentes, à exemplo da anexação da região da Crimeia, desde 2014 sob o domínio russo.

Especificamente, no caso da Ucrânia, bastaram poucos anos após sua independência, em 1991, para o surgimento de tensões de cunho econômico, graças à disputa pelo gás natural e outros recursos naturais. Na mesma medida, distinguem-se as implicações de ordem política, dada à inquietação da Rússia frente ao crescente relacionamento da Ucrânia com a OTAN (aliança taxada historicamente como rival do Pacto de Varsóvia) e os contatos mais frequentes com a União Europeia, unidade que agrega também países localizados a oeste da antiga “Cortina de Ferro”.

Decerto, a amplitude e duração das punições aplicadas à Rússia por invadir a Ucrânia

prejudicarão a dinâmica da economia mundial, dada a volatilidade dos preços, o incremento da inflação e o reduzido crescimento no curto prazo, até a possível debilidade das cadeias globais de suprimento e o enfraquecimento dos mercados financeiros integrados no longo prazo.

A destruição de oleodutos e o fechamento dos portos de ambos os países aprofunda, inclusive, a atual crise logística porque interrompe o fluxo de boa parte das indispensáveis e insubstituíveis commodities energéticas e alimentares. Vale lembrar que a Rússia é ranqueada como principal exportadora global de gás natural e segunda de petróleo; quando somada à Ucrânia, responde por 29% das transações internacionais do trigo e 19% das do milho; enquanto que seu aliado geopolítico, Belarus, abastece praticamente 20% da demanda global de potássio.

O agronegócio brasileiro tem ocupado posição destacada no comércio internacional por conta da sua corrente de comércio, caracterizada por robusto desempenho exportador, apoiada nos embarques de grãos e outros gêneros agrícolas, cuja produtividade é garantida pela aplicação nas lavouras de aproximadamente 40 milhões de toneladas de fertilizantes importados (nitrogenados, fosfatados e potássicos), além dos defensivos. Igualmente para a proteína animal, os recordes embarcados advêm de vantagens competitivas (preço e qualidade) que são moduladas, tanto pelo custo, quanto pela disponibilidade do milho, farelo de soja e derivados de trigo que alimentam os planteis de aves, suínos e bovinos.

A garantia dessa condição privilegiada requer a maturação de medidas de enfrentamento a qualquer hipotética ameaça, e que a depender dos desdobramentos do conflito, pode ser representada por uma possível aliança político-econômica entre o Leste Europeu e a China.

Assim como a Rússia, o Brasil detém grande potencial agrícola e energético e o esforço será ampliar ainda mais a participação no abastecimento externo. Por outro lado, é cada vez mais evidente a necessidade de investimentos em infraestrutura de distribuição para aproveitamento da geração de energia já instalada por aqui.

Acima de tudo, ressaltamos nosso respeito e solidariedade a todos que sofreram ou ainda sofrem direta ou indiretamente os efeitos da contenda em questão e registramos total empatia àqueles que condenam quaisquer confrontações armadas de natureza beligerante. ■



Ariovaldo Zani

é médico veterinário
Professor MBA/PECEGE/
ESALQ/USP
Presidente do Colégio
Brasileiro de Nutrição
Animal/CBNA

Gabriel Zani

é historiador